



ENTRE LIVROS E *blogs*:

## UMA IMAGEM AUTORAL DE ÂNGELA VILMA<sup>1</sup>

**Naiana Pereira de Freitas**

(UFBA)

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Naiana Pereira de Freitas** é licenciada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela Universidade Federal da Bahia. No período de 2009-2010, atuou como pesquisadora voluntária de IC no Projeto Geografia das Letras sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Nancy Rita Ferreira Vieira. Nesta ocasião, concentrou sua pesquisa nas memórias do leitor e na formação do sujeito-leitor no âmbito da Universidade. Em 2011, iniciou pesquisa no Projeto Dois finais de séculos na Bahia: cenas de mulheres sob a supervisão da mesma orientadora. Neste projeto, investigou a “escrita de si” na elaboração dos registros de memória produzidos pelas escritoras baianas Ângela Vilma e Renata Belmonte, em seus respectivos blogs: *Aeronauta* e *Vestígios da Senhorita B*. Durante o Mestrado (PPGLitCult-UFBA) estabeleceu aproximações entre o estudo de blogs e a prática de escrita feminina em espaço digital, resultando na elaboração da dissertação intitulada: *Por uma lírica além do papel: o traço da memória em Ângela Vilma* (2016), cuja orientadora foi à professora Dr<sup>a</sup> Nancy Rita Ferreira Vieira /UFBA. É atualmente doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia desenvolvendo pesquisa na área da crítica feminista, com ênfase na escritora estadunidense Susan Sontag e sua inserção no panorama intelectual do século XX/XXI. E-mail: [naiana\\_freitas@hotmail.com](mailto:naiana_freitas@hotmail.com).

RESUMO	ABSTRACT
O objetivo deste texto é investigar como a escritora Ângela Vilma alinha-se a uma imagem de autoria instituída através de sua experiência de leitura. É evidente em seu <i>blog</i> , <i>Aeronauta</i> , a referência a uma extensa e produtiva família	The aim of this text is to investigate how the writer Ângela Vilma, aligns herself with an image of authorship instituted through her reading experience. It is evident in her <i>blog</i> , <i>Aeronauta</i> , the reference to an extensive and

<sup>1</sup> Este texto é parte integrante da dissertação: *Por uma lírica além do papel: o traço da memória em Ângela Vilma*, defendida em 2016 pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Nancy Rita Ferreira Vieira.

<p>literária da qual parece participar. Logo, “o escritor como leitor” será o mote principal para delinear uma linha de raciocínio do princípio ao fim deste trabalho. A formação da autora como leitora dialoga com as diferentes nuances que produzem a figura autoral no ciberespaço contemporâneo. Observa-se, no percurso temporal, em torno da questão da autoria, como esta noção nunca esteve imune às alterações de percepção. Logo, o estudo que se empreenderá, neste breve texto, resulta da mudança das noções de autor, leitor e literatura, pois o objeto a ser analisado nestas linhas, o suporte <i>blog</i>, altera a cada dia o que se entende por estes conceitos. Para efeito de discussão, os textos: <i>O que é um autor?</i> (FOUCAULT, 2009), <i>A assinatura e O nome próprio</i> (DERRIDA, 1996), bem como o excerto da dissertação de mestrado de Rafael Eduardo Giraldo (2010), assumem posição de destaque na análise que pretendemos desenvolver.</p>	<p>productive literary family in which she seems to belong. Therefore, “the writer as reader” will be the main motto to outline a line of reasoning from the beginning to the end of this work. The author's formation as a reader dialogue with the different nuances that produce the authorial figure in contemporary cyberspace. It is observed in the temporal course around the question of authorship, how this notion has never been immune to changes in perception. Therefore, the study that will be undertaken in this brief text, results from the change in the notions of author, reader and literature, since the object to be analyzed in these lines, the <i>blog</i> support, changes every day what is meant by these concepts. For the purpose of discussion, the texts: <i>O que é um autor?</i> (FOUCAULT, 2009), <i>A assinatura e O nome próprio</i> (DERRIDA, 1996), such as the excerpt from the master's dissertation by Rafael Eduardo Giraldo (2010) assume a prominent position in the analysis that we intend to develop.</p>
--	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Imagem de autor; <i>blogs</i> ; Ângela Vilma	Author image; <i>blogs</i> ; Ângela Vilma

## INTRODUÇÃO

Este texto se inicia com este verso de Luís Vaz de Camões (1595): “[...] Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” (1595), que faz parte do soneto de mesmo nome. Essa composição evoca a questão da mudança que ocorre a cada elemento, seja ele, biológico, social ou psicológico. Estas transformações sempre são acompanhadas pela passagem do tempo, que molda a sua vontade as necessidades humanas. A literatura como um produto artístico e social não poderia ficar incólume ao advento da mudança, ou seja, da transformação. É o que se verifica com a inserção da ferramenta *blog* na literatura contemporânea, é a partir dele que a literatura, nos fins do século XX e início do século XXI, tornou-se mais visibilizada pela mídia, editoras e leitores.

Por esta razão, somos desafiados pela contemporaneidade a refletir sobre as mudanças nas noções de autor, leitor e literatura e das marcas destas alterações nos textos postados no suporte *blog*. Assim, investigaremos como este suporte, altera a cada dia a significação destes conceitos buscando responder neste trabalho a pergunta: “como perceber uma imagem autoral alimentada por Ângela Vilma através de suas próprias leituras, em seu *blog*?”. Esta pergunta pode ser vista, como uma necessidade proveniente da própria literatura contemporânea.

Neste sentido, o objetivo deste texto é investigar como a escritora em estudo, Ângela Vilma<sup>2</sup>, alinha-se a uma imagem de autoria instituída através de sua experiência de leitura. Em seu *blog*, *Aeronauta*<sup>3</sup>, é possível identificar a referência a uma extensa e produtiva família literária da qual parece participar. Logo, “o escritor como leitor” será o mote principal para delinear a linha de raciocínio do princípio ao fim deste trabalho. A formação da autora como leitora dialoga com as diferentes nuances que produzem a sua figura autoral no ciberespaço contemporâneo. Para efeito de discussão, os textos: *O que é um autor?* (FOUCAULT, 2009), *A assinatura* e *O nome próprio*

---

<sup>2</sup> Nasceu na cidade de Andaraí (BA) em 10 de novembro de 1967. Desde 2010, leciona em regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na cidade de Amargosa/BA. Como escritora, já publicou livros de poesia e contos e/ou crônicas no mercado editorial tanto em obras individuais como em coletâneas, como por exemplo, *Beira-vida* (1990); *Poemas escritos na pedra* (1994); *A casa* (1997); *Ela, João e o Terno* (1998); *Poemas para Antônio* (2010), *A solidão mais funda* (2016), *Aeronauta* (2020) e *Talvez um blues* (2021). E fez parte das coletâneas: *Sete Faces* (1996), *Figuras contínuas* (2000), *Concerto lírico a quinze vozes* (2004) e *Tanta Poesia* (2006). A escritora manteve o *blog Aeronauta* de 2007 a 2016.

<sup>3</sup> O *blog Aeronauta* surgiu em 2007 no *blogspot.com*. Em 2015, o *blog* apresentava apenas três postagens durante o mês de abril. Este rareamento de postagens advém do “enfraquecimento” da ferramenta *blog* no Brasil, a partir da popularização das redes sociais, como o Facebook, que em 2013 alcançou a marca de 76 milhões de usuários brasileiros conforme Rafael Sbarai (2003). Nos últimos anos Ângela Vilma tem concentrado as suas postagens em seu perfil no Instagram. O livro *Aeronauta* publicado em 2020 é uma homenagem ao *blog* de mesmo nome, visto que é composto por crônicas postadas pela escritora neste espaço digital.

(DERRIDA, 1996), como um excerto da dissertação de mestrado de Rafael Eduardo Giraldo (2010), assumem posição de destaque na análise que pretendemos desenvolver. Com a finalidade de contextualizar a proposta de investigação deste estudo, desenvolveremos uma breve digressão a respeito da escolha do poema de Camões no início deste texto. Por esta via, revisa-se a problemática da autoria e observa-se a dimensão das modificações que o suporte digital, *blog*, gera/ou no espaço literário.

De acordo com Leodegário A. de Azevedo Filho (1979), Camões, em vida, publicou apenas três poemas. As edições acerca de sua obra foram realizadas após quinze anos de sua morte, por meio de fontes manuscritas de cancioneiros, com duvidosa autoria. O verso citado no início deste artigo, por exemplo, apresenta autoria ambígua. Como aponta ainda Leodegário de Azevedo (1979), “[...] Dizer o que é de Camões e o que não é dele, na verdadeira enxurrada de textos apócrifos em que se transformou a sua lírica, através de numerosas edições, publicadas durante quatro séculos, não é tarefa fácil” (AZEVEDO, 1979, p.7). Entretanto, este mesmo autor afirma que, apesar da incerteza quanto à autoria em torno deste soneto, o confronto entre diferentes testemunhos comprova que o verso foi uma produção do autor lusitano. Este exemplo torna-se importante para evidenciar como a constituição da figura autoral suscita diversas questões que ora buscam validar, ora contrariar esta figura. Esta tensão adensou-se na literatura contemporânea devido à inserção das novas tecnologias que possibilitaram propostas múltiplas de escrita. Estes novos paradigmas presentes no circuito autor-leitor-texto são fruto da mudança dos tempos, que acarreta impasses, mas também assume “[...] sempre novas qualidades.” (CAMÕES, 1595).

Logo, “ser autor” no século XVI, é diferente no século XVIII e assim sucessivamente. Como nos afirma Murakovisk (1993), na Idade Média, as obras eram anônimas, pois, o importante neste período era a valoração da imitação e não do criador. No final da Idade Média, a arte passa a ganhar contornos subjetivos. Entretanto, essa abertura à subjetivação não pode ser analisada a partir dos pressupostos modernos, pois a concepção de personalidade não fazia parte deste contexto histórico. Ainda segundo o teórico, a partir do século XIX, a noção estabelecida entre obra e autor altera-se completamente, de modo que a obra se torna fruto de uma inconsciência. Em suas palavras “[...] a obra aparece, de repente, como expressão autêntica da personalidade do autor, como réplica <material> da sua constituição psíquica: é um processo tão espontâneo como a formação de uma pérola.” (MURAKOVISK, 1993, p. 277).

## 1 A PRESENÇA DA LEITORA NA CONSTRUÇÃO DE SEU NOME DE ESCRITORA

Em seu texto *O que é um autor* (1969), Foucault assinala que, no fim do século XVIII e início do século XIX, foram necessárias medidas para legitimar “a paternidade” das obras de arte, a fim de garantir propriedade aos discursos que fossem considerados violadores da moral e dos bons costumes sociais, instaurando-se assim o conceito de autor-presença. Essa noção será combatida enfaticamente por diversas correntes críticas, como o Formalismo russo, o Estruturalismo e o Pós-estruturalismo, pois como afiança João Adolfo Hansen (1992), estas escolas,

substituem a metafísica da origem e da presença por conceitos como “estrutura”, “escritura”, “imanência do discurso”, “falácia intencional,” “intertextualidade”, “textualização”, “diferença” “traço”, no apagamento sistemático da representação como “natureza”, “sujeito”, “teleologia”, “verossimilhança” etc. (HANSEN, 1992, p.13).

A análise que realizaremos à escritora Ângela Vilma fundamenta-se a partir da concepção na qual o autor só pode ser estabelecido a partir da relação entre seus “[...] vários egos”, e “[...] a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir ocupar.” (FOUCAULT, 2009, p.280). Assim, nosso sujeito-escritora caracteriza-se pela ausência de unidade.

É importante destacar como a popularidade alcançada pelo suporte *blog* possibilitou alterar o funcionamento básico da comunicação, pois simultaneamente no espaço da *blogosfera* atuam a mensagem, o receptor e o interlocutor. Ao disponibilizar um texto na rede, o autor poderá ser comentado naquele exato momento, bem como poderá revisar o texto e até mesmo desistir de publicá-lo. Nas palavras de Luiza Lobo (2007), “[...] a comunicação do *blog* se dá numa rede de escritores e leitores que atuam simultaneamente sobre um número infinito de textos, rompendo o eixo da comunicação pessoal e inaugurando uma era de intercomunicação coletiva, simultânea e hipertextual.” (LOBO, 2007, p.16).

A partir do nome de sua página virtual, podemos observar uma abertura para o mundo da leitura, já que curiosamente ou não, *O Aeronauta* foi uma obra publicada por Cecília Meireles, em 1952. O uso deste “nome próprio” na perspectiva derridiana não pode ser encarado como elemento do acaso, ou fruto exclusivo da inspiração autoral em voga durante séculos, cujo ápice se deu no século XIX. Como assevera Michael Foucault (2009) “[...] a escrita de hoje se liberou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e por consequência, não está obrigada a forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada.” (FOUCAULT, 2009,p.268). A relação entre a escritora e as suas leituras fornecerá pistas para sustentar nossa investigação.

Devido ao número de publicações, deter-nos-emos na análise de textos postados durante os períodos: 2007, 2008, 2012 e 2013. Estas escolhas resultam de motivos específicos: a inserção inicial da escritora neste espaço digital, a afirmação de seu amor à literatura, logo à leitura; a assinatura de seu nome civil, em postagens em 2012, e a constatação que o nome *Aeronauta* funciona como um pseudônimo para a escritora, em 2013. É importante salientar que podemos encontrar, no *blog* como um todo, a presença da leitora na construção de seu nome de escritora.

Tanto nas postagens do ano de inauguração do *blog* quanto nos anos seguintes, é possível perceber um entrelaçamento entre a escritora e a sua família literária. A presença de autores (as) em sua escrita, no ano de 2007, é fundamental para o estabelecimento do lugar de fala da escritora na cena literária baiana. Em anos posteriores, como em 2012, o exercício de “mostrar-se acompanhada” não é abandonado, endossando ainda mais sua posição de escritora. Alinhando-se a escritores de reconhecida esteira crítica, a escritora traceja o seu nome próprio e a sua assinatura. O nome próprio afiança “[...] a morte de seu portador garantindo sua vida e garantindo-o de e sobre sua vida.” (DERRIDA, 1996, p.81), pois a escritora assume o título do *blog* como responsável pelos textos, eliminando assim a figura autoral de carne e osso, causando uma desnaturalização do que entendemos como nome de um autor, visto que é o *blog* que assina, responde e indica leituras. A obra como um todo é a responsável pela transmissão dos textos postados.

O nome próprio, *Aeronauta*, não assegura uma relação harmoniosa entre o mundo real e o mundo da linguagem. No pensamento derridiano, um nome próprio para ser realmente considerado próprio necessita nomear apenas um acontecimento, e se pensarmos bem, o nome do *blog* já traz em si a ambiguidade: é o livro, ou o *blog*? A ausência do artigo no nome do *blog*, *Aeronauta* em oposição ao nome do livro *O Aeronauta*, pressupõe uma instabilidade neste nome próprio, que não é próprio devido a sua marca de não “originalidade”. Esta inconstância da linguagem não garantirá, como no platonismo, uma relação imediata entre nomeado e nomeação. Como assinala Derrida (1996) “[...] nomear violenta a suposta unicidade que se espera que se respeite, dá existência e a retira ao mesmo tempo, o nome próprio apaga o próprio que promete, quebra-se ou destrói-se, ele é a oportunidade da língua logo destruída.” (DERRIDA, 1996, p.81).

Essa quebra de unicidade entre o objeto e o nome pode ser vista de forma mais ampliada em uma postagem de 2012, pela qual a escritora celebra os cinco anos do *blog*. Nesse texto, outra indagação se apresenta: quem é *Aeronauta*, o livro, o *blog* ou a autora? Colaborando para instauração daquilo que Derrida define como disseminação de sentido. Nas palavras de Maria Continentino Freire (2010), este conceito abala o que entendemos por identidade, é nesta fratura que se instala o nome próprio da escritora (*Aeronauta*). Nesta passagem, além da descontinuidade

entre pessoa física e nome autoral, podemos notar a alusão à frase proferida por Flaubert, quando acusado de transgredir a moral da sociedade francesa, “Ema Bovary sou eu”<sup>4</sup>. Visto em,

No dia 04 de julho de 2007 nasceu *Aeronauta*. Na minha família nunca houve costume de festejar aniversário. Pai dizia que isso era coisa de rico. [...] Mas não sei por que meus aniversários são lembrados por mim. E também sempre lembro do aniversário da *Aeronauta*. Ela irá fazer amanhã cinco anos de idade. Jovem demais. E nem sei se pra ela serve o clichê: "tem uma vida toda pela frente". Isso só depende do *blogspot*: o desaparecimento desse é a morte certa da *Aeronauta*. Não salvei em nenhum lugar seus escritos. A *Aeronauta* sou eu, agora arremedo Flaubert, sem qualquer glamour. (VILMA, 2012)

A assinatura, por sua vez, certifica o estabelecimento deste nome próprio para longe do tempo de sua enunciação primeira, já que a assinatura se configura como a sobrevivência do ato de escrita do nome para além do presente. A noção de assinatura desregula o funcionamento da lógica da metafísica ocidental, que pressupõe a fala como mais importante do que a escrita, sendo assim o ato de falar evoca a presença na enunciação, enquanto escrever afiança a ausência. Ao instituir o conceito de assinatura, Derrida assegura o funcionamento de um nome próprio, como *Aeronauta*, para além do presente, sem que isso signifique, o retorno à origem da significação do nome próprio, já que o nome próprio sozinho não é propriedade exclusiva de dado objeto, como ao mesmo tempo torna-se próprio devido a esta particularidade. Como afirma Derrida (1996), “[...] a assinatura, é precisamente o que a distingue do nome próprio em geral, tenta recuperar o próprio que vimos desapropriar-se logo no nome.” (DERRIDA, 1996, p.108).

Dois fatores colaboram para a eficácia da assinatura criada, ou seja, para a sobrevivência do nome próprio, construído pela escritora em estudo. O primeiro é o desconhecimento da maior parte dos seguidores de que *Aeronauta* é a escritora Ângela Vilma. Nos primeiros anos de postagens do *blog*, é possível perceber essa insciência. Então, o que ocorre é a permanência do nome fabricado. Quanto ao segundo fator, é a possibilidade de contra-assinatura conferida aos textos por leitores e autores que fazem parte de sua sociabilidade literária. Para Evando Nascimento (1999) “[...] Derrida reserva o nome de contra-assinatura para esse movimento de recepção do traço na produção de outro texto.” (NASCIMENTO, 1999, p.300). Nesta direção, o *blog Aeronauta* que ora é portador do nome, ora objeto nomeado só se torna local de enunciação devido à existência da relação entre assinatura e contra-assinatura. Ambas podem ser promovidas tanto pelo outro (leitores) ou por si mesmo (autor). A partir desta relação entre leitura, assinatura e contra-assinatura a figura da escritora se modela paulatinamente, posto que, os textos do *blog Aeronauta* são contra assinados pelos seus leitores, que nesta atividade endossam a assinatura da Ângela

---

<sup>4</sup> Frase célebre proferida por Flaubert em defesa de sua obra, *Madame Bovary*, no tribunal de justiça francês. (MICHILES, 2012)

Vilma/*Aeronauta*. Ela, por sua vez, ao produzir textos críticos sobre filmes e livros, transforma seu próprio texto em uma contra-assinatura, visto ser uma espécie de leitura posterior a outro texto já estabelecido. É possível perceber, no *blog*, a dinâmica existente entre a leitora e a crítica literária. Consequentemente, esse movimento permite entrever seu posicionamento de autora frente à cena literária.

Ao nomear seu *blog* como “*Aeronauta*”, ela funda uma descendência literária, pois *O Aeronauta* é o nome de um livro produzido por Cecília Meireles, essa relação entre o livro e o *blog* confirma como a escritora busca um constante processo de aceitação ao universo da literatura. A multiplicidade de posições que o nome *Aeronauta* ocupa ao longo do fazer literário da escritora no *blog* é sem dúvida, curiosa. Como já evidenciamos, o nome dialoga com o título de um livro, apresenta-se tanto como nome da autora, como do *blog*. Em 2012, encontramos uma publicação que remete ao nome Ângela e, em 2013 uma publicação afirmando que Ângela e *Aeronauta* são semelhantes. Na postagem de junho de 2012, a *Aeronauta* agradece um poema dedicado a Ângela, observado em: “[...] o presente que recebi na manhã de hoje me deixou muito feliz [...] Falo do poema de minha amiga Denise Magalhães postado no *blog* [...] e copiado abaixo: A poeta (Para Ângela que me ensina a beleza e a liberdade, sem saber)” (VILMA, 2012). Na postagem de julho do mesmo ano, notamos no texto-agradecimento escrito por Ângela Vilma a uma amiga, que encontrou por meio da *blogosfera*, seu nome: “[...]Obrigada, Sandra, por sua delicadeza, por me conhecer tão bem ao me presentear com um livro raro em beleza, lirismo e humanidade. Abraço carinhoso, Ângela.” (VILMA, 2012). Em julho de 2013, a *Aeronauta* se assume como Ângela Vilma, em um texto dedicado a Maria Sampaio. Nele, *Aeronauta/Ângela Vilma* assegura:

“[...] É melhor escrever imaginando e o imaginário ser o próprio texto, livre de convenções e traumas: deixar finalmente o inconsciente berrar, sem armadilhas de ego e muito mais do superego. Mas o ego existe na escrita, assim como id e superego. O superego eu trato sempre de domá-lo no texto; tanto que depois de muito tempo sem me identificar por causa da opressão desse maldito superego, um dia fui lá e disse alto para todos ouvirem: *meu nome é Ângela Vilma!* Portanto, dei pancadas no superego. *Assumi que habito um lugar no mundo e não me chamo apenas Aeronauta: porque além de nuvens tolero flunar na Terra.* (VILMA, 2013) (grifo nosso)

É importante frisar, que a denominação Ângela aparece em outros textos do *blog* como se, de alguma forma, configurasse uma personagem das narrativas contadas, pois, como assinalamos a relação entre o nome Ângela e *Aeronauta* não eram claros. É evidente que algumas pessoas conheciam a simbiose entre o “*Aeronauta*” e a “dona” do *blog*, mas acreditamos que em geral os seguidores do *blog* desconheciam esta aproximação. No comentário ao texto que acabamos de citar acima, realizado em: 4 de julho de 2013, observamos este desconhecimento:

Bernardo Guimarães disse... Que bela homenagem à prima! Nunca vou esquecer o dia em

que ela me telefonou quase de madrugada para me dizer sussurrando no telefone: - "primaldo, descobri quem é a *Aeronauta*, é Ângela Vilma! não é uma maravilha"? e eu: "só não entendi porque tá falando tão baixo"...do outro lado veio uma gargalhada que ouço até agora (VILMA,2013)

A alternância das assinaturas, em alguma medida, alterou a relação entre escritora, público e outros escritores, ao mesmo tempo em que, colaborou para embaralhar ainda mais a noção de autoria. Entretanto, este exercício não foi mantido após 2013. A escritora continua a assinar como *Aeronauta*, embora em uma postagem de julho de 2014, ela assine como Ângela Vilma. Esta assinatura em *hiperlink* se conecta ao perfil hospedado no *Facebook*. Se antes, os seguidores do *blog*, não conheciam o rosto da *blogueira*, agora podem ter acesso ao perfil da Ângela Vilma, que nesse espaço “apaga” sua trilha de *Aeronauta*, esboçando assim, outra tensão entre nomes próprios. Este espaço de violência da escrita se manifesta ainda mais, já

[...] que a primeira nomeação que era já uma expropriação, mas também desnuda o que desde então desempenhava função de próprio, o que se diz próprio, substituto do próprio diferido, percebido pela consciência social e moral como o próprio, o selo tranquilizante da identidade em si o segredo.” (DERRIDA, 1973, p.139).

Devido à característica breve deste texto, não nos debruçaremos mais na correlação destes conceitos e a experiência de escrita da escritora pesquisada. O que podemos concluir neste momento, é que a relação Ângela Vilma, Ângela, *Aeronauta* contribui para marcar o que Derrida define como *différance*. Cada significante remete a um outro significante que por sua vez a outro e assim sucessivamente. Tornando-se infinita a relação entre o nome próprio da escritora e a sua assinatura. De acordo com Ivan Teixeira (1998), *différance* caracteriza “[...] esse processo de geração do sentido, em que um significado continuamente se refere a outro significado e a toda a rede de significados da língua, processo também designado de suplementaridade do signo.” (TEIXEIRA, 1998, p.36). Logo, imprimir um sentido de interpretação único na trajetória de escrita do *blog* é uma tarefa de difícil pois, apresentam-se outros nomes próprios derivados de autores (as) já estabelecidos pela crítica tornando a imagem de Ângela Vilma enquanto escritora mais complexa.

Em uma rápida leitura das postagens no ano de 2007 e 2012, é possível visualizar por via de citação, em alguns casos por intertextualidade, a presença de escritores literários e/ou teóricos. No primeiro ano notamos nomes como: Hilda Hilst, Harold Bloom, Mauro Mota, Rilke, Mario Quintana, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Cecília Meireles. E, no segundo ano: Herberto Sales, Clarice Lispector, Cecília, Hilda Hilst, Kafka, Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira, Carlos Pena Filho, Mario Quintana, William Shakespeare, Graham Greene, Gustave

Flaubert, Casimiro de Abreu e Edgar Allan Poe<sup>5</sup>. Esse contexto de leitura evidencia a formação discursiva dessa escritora com um nome em formação, como também permite projetar na figura autoral seu mito de escritora culta, acadêmica (Professora Universitária), conhecedora de uma tradição literária legitimada por leitores e pela crítica. Como anteriormente assinalamos, é visível a relação entre o *blog* e os livros na construção da imagem autoral de Ângela Vilma. Em uma postagem de 2008, cujo título é *Recado*, observamos a leitora atenta e o seu amor à literatura. Como podemos ver em:

[...] O único sentido que encontro na vida é a literatura. É ela que me conduz a fim de que eu não desista. Sempre achei o mundo um tédio, sempre quis estar em outro lugar. Nunca fui alegrinha, saltitante e linda. Pelo contrário. Sempre fui incontestavelmente triste, eis a grande verdade. Incontestavelmente triste. [...] A tristeza em mim é direção, não é um recalque. A literatura me acolhe; só ela até hoje me entendeu; só ela impede que eu mate alguém, mesmo tendo lido como se faz isso, direitinho, em *Os irmãos Karamazovi*. Dostoiévski é sábio, Dostoiévski é santo: ensina a matar para que a gente não mate. Só a literatura me entende: ela atua por outras vias... através da dor, da lágrima, da carne. (VILMA, 2008)

Nesta direção, podemos ampliar nosso ponto de vista através da discussão estabelecida por Giraldo (2010), na seção três de sua dissertação, uma vez que, a escritora em estudo, também “[...] constrói sua imagem através do mito do escritor culto, o mais literário dos escritores, e da ideia romântica da literatura como ofício perigoso.” (GIRALDO, 2010, p.79). De modo que o “fazer literatura” surge como possibilidade de redenção do mundo fragmentado contemporâneo. Nesta postagem de 2008, notamos como a literatura e leitura, andam sempre juntas na escrita de Ângela Vilma, colaborando para tornar a existência real menos tediosa da escritora, além de fornecer combustível para a elaboração dessa imagem de autora, tecida através de outros nomes próprios e de outras assinaturas.

Às vezes, a associação entre a leitora e escritora não é exposta de forma explícita para o público do *Aeronauta*, no sentido em que a linguagem empregada no *blog* demanda sempre uma elaboração. Assim, por via da intertextualidade a *Aeronauta* pode dialogar com um escritor do século XIX, participante do romantismo: Casimiro de Abreu. Ângela Vilma se apropria do título

---

<sup>5</sup> A alusão a esse grupo de escritores nacionais e/ou estrangeiros evidencia a busca de Ângela Vilma por uma filiação literária que colabore para afiançar o valor literário de seus textos. Essa postura remete a um processo de assimilação entre textos com diferentes temáticas que provocam um trânsito constante de elementos que asseguram nos textos da escritora uma [...] personalidade própria, representando a arte literária e as demais características próprias do seu autor, mas na qual se reconhecem, ao mesmo tempo, num grau que pode variar consideravelmente, os indícios de contato entre seu autor e um outro, ou vários outros.” (NITRINI, 2001, p.127). No que diz respeito a essa família literária a própria escritora relata em entrevista, realizada pela pesquisadora em 2013, (FREITAS,2013): “[...]foram muitos escritores que me influenciaram, tanto na poesia quanto na prosa. Na poesia, Cecília Meireles, sem dúvida. Na prosa, inicialmente Clarice Lispector, como não poderia deixar de ser. Mas poderia resumir minha família literária, além dessas duas grandes escritoras citadas, em: Herberto Sales, Hermann Hesse, Kafka, Dostoiévski, Hilda Hilst, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel Garcia Márquez, Jean-Paul Sartre, Camus, Katherine Mansfield, Gógol...”.

do poema, *Meus oito anos*, e escreve um texto homônimo evidenciando, mais uma vez, a sua posição de escritora enquanto leitora de literatura. O poema configura-se como resposta àquele primeiro elaborado por Abreu, de certa forma esta resposta rasura toda a atmosfera nostálgica da infância emoldurada por ele. Como podemos perceber, nos primeiros versos do poema contemporâneo: “[...] Não, Casimiro, não tenho saudade/de meus oito anos.” (VILMA, 2012). Arrastando assim o leitor para as suas experiências de leitura e para o espaço movediço chamado interpretação.

As experiências de leitura favorecem a abertura para aquilo que se define como autofiguração, já que os acontecimentos biográficos ganham nuances que se aproximam da fabulação da narrativa. De acordo com Giraldo (2010), a autofiguração se caracteriza pela projeção de acontecimentos selecionados pelo escritor com a finalidade de registrar uma determinada imagem autoral de si mesmo para os seus leitores. No trecho da postagem que segue, a escritora tece uma imagem de si vinculada à vida ficcional do *blog Aeronauta*. Podemos perceber como esta leitura funciona na postagem abaixo. O texto busca explicar quem é a *Aeronauta*. Logo, a vida cotidiana “real” mescla-se com acontecimentos ficcionais.

[...] Nunca consegui me achar dentro deste mundo. Sou uma *Aeronauta*. O nome pode não ser lá muito bonito, mas é o que sou. [...] Sempre tive embrulhos terríveis no estômago; por isso o *blog* de Personagem Principal, Júlia, Viviane, Clarice, Mansfield, despontou em mim a vontade de fazer igual: não dizer meu nome de batismo e escrever ao léu, escrever de uma aeronave distante, longe do mundo, e com uma furtiva esperança: ser amada. (VILMA, 2007).

*Aeronauta* é um nome que não é de nascimento, que deseja ser amado e reconhecido. Em outro trecho da postagem, esse nome comum não confere um reconhecimento pelos seus pares, pois “[...] Com o nome que me deram muitos pensam que sabem quem eu sou. Que nada, não sou essa que tem o nome que todos pensam conhecer. Sou outra.” (VILMA, 2007). Esta afirmação possibilita infinitas significações que colaboram para o surgimento de seu mito de escritora. Imaginário que, no *blog* adota uma personalidade comedida, intelectualizada e melancólica que contrasta com a persona representada nas redes sociais, pois, neste espaço, é rebelde, mais irônica, de uma franqueza ácida. Esse descontínuo contribui também para o fortalecimento de sua autofiguração. E para esse estado suspenso do que se configura como significado.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos de forma sintética estabelecer aproximações entre a leitora e escritora Ângela Vilma. Como esta associação colabora para compor a imagem autoral desta

escritora baiana com acentuado alheamento crítico. Em seu exercício de escrita no *blog*, é possível notar como as novas tecnologias podem favorecer o espaço literário contemporâneo, suscitando questões que dizem respeito à noção de autoria, leitor e literatura. Sem dúvida, o espaço virtual para os “desconstrucionistas” seria um local, por excelência, pragmático, para as suas teorias. Local sem barreiras para *blogs* e livros.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Novas dimensões da lírica de camões. **Rev. de Letras**, v. 1, n. 3, 1979, p. 6-13. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2954/1/1979\\_Art\\_LAAFilho.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2954/1/1979_Art_LAAFilho.pdf)> Acesso em 23 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Os sonetos de Camões. **Humanitas**, Coimbra, v.29-30, 1979-1980. p. 205-218. Disponível em [http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas29-30/08\\_Azevedo\\_Filho.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas29-30/08_Azevedo_Filho.pdf). > Acesso em 23 jul. 2014.

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, J. **O Nome próprio**. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p.79-86

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, J. **A assinatura** In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p.107-118.

**Biografia de Camões**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/biografias/camoes1/>> Acesso em 10 jul. 2014.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**. Disponível em: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v356.txt>> Acesso em 10 jul.2014.

CORGOSINHO, Renato Cardoso. A categoria nome e seu aspecto nome próprio: uma aproximação entre abordagens tradicionais e a visão derridiana. **Em Tese**, Belo horizonte, v. 16, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3518/3465>>. Acesso em 23 jul.2014.

CAVALHEIRO, Juciane dos santos. **A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault**. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n.11/2, p.67-81, dez.2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3042/2585>> Acesso em 22 jul.2014.

CEIA, Carlos: “Disseminação”. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=753&itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=753&itemid=2)>, consultado em dd-mm-20aaliterários. Acesso em 28 jul.2014.

\_\_\_\_\_. “Assinatura”. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN:

989-20-0088-9, <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=815&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=815&Itemid=2)>. Acesso em 28 de jul.2014.

DERRIDA, Jacques. **A guerra dos nomes próprios**. In: \_\_\_\_\_. Gramatologia. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva,1973. p. 173-200.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** In: \_\_\_\_\_. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Ditos-e-escritos-III-Est%C3%A9tica.pdf>. Acesso: 12 jan.2023.

FREIRE, Maria Continentino; ESTRADA, Paulo Cesar Duque. **Escritura e desconstrução da linguagem em Derrida**. 2010.p. 81. Dissertação (mestrado)– Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUTIERREZ Giraldo, Rafael Eduardo; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Da literatura como um ofício perigoso: crítica e ficção na obra de Roberto Bolaño**.2010. 179p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HANSEN, João Adolfo. **Autor**. In: JOBIM, Jose Luís. Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1992.p.11-37.

LOBO, Luiza. **Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (ideias contemporâneas)

MICHILES, Haroldo Cesar. **Sombra e Feminismo em Madame Bovary**. 2012. Disponível em: <<http://www.jung-rj.com.br/artigos/Ema-BovaryII-Haroldo-Michiles-Brs.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2014.

MURAKOVISK, Jan. **A personalidade de artista**. In:\_\_\_\_\_. Escritos sobre estética e semiótica da arte. Lisboa: Editorial Estampa 1993. p. 273-291.

NASCIMENTO,Evando. **A literatura e a escrita em geral, a contra assinatura**. In: \_\_\_\_\_.Derrida e a literatura: “notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução”. Niterói: EDFF, 1999.p.299-304.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: EDUSP, 2001.p.125-165.

PINTO, Joana Plaza. Atos de autoria: assinaturas, rasuras, rupturas. **Revista Investigações**, v. 22, n. 1, Janeiro/2009. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12929049/atos-de-autoria-assinaturas-rasuras-rupturas-revista-investigacoes>>. Acesso em 24 de jul.2014.

SOUZA, Elaine Barbosa de. **Luís de Camões: Vida e obra**. Disponível em:<http://www.suapesquisa.com/biografias/camoes1/>. Acesso em 10 julh. 2014.

TEIXEIRA, Ivan. Fortuna crítica 5: Desconstrutivismo. **Revista Cult**, São Paulo, nov. 98. Disponível em:<[http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult\\_fortunacritica\\_5.pdf](http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_5.pdf)> Acesso em 30 de jul.2014.

VILMA, Ângela. *blog: Aeronauta*. Disponível em: <<http://wwwAeronauta.blogspot.com.>>.

Acesso 25 jul. 2014.

Título em inglês:  
BETWEEN BOOKS AND *blogS*:  
AN AUTHOR IMAGE OF ANGELA VILMA